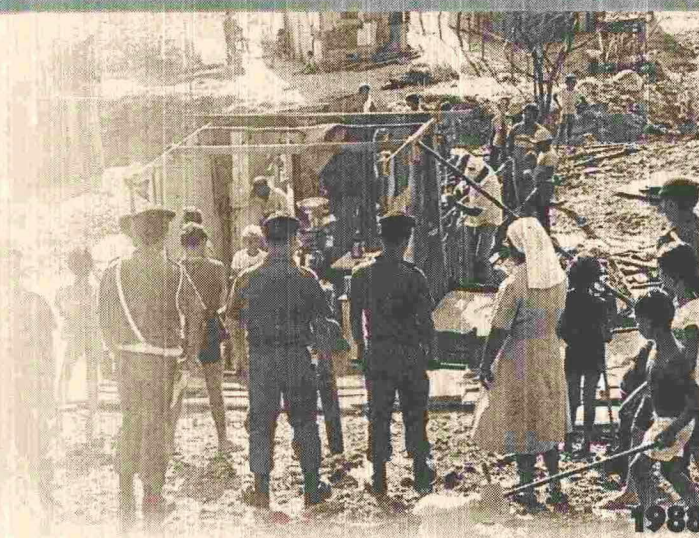


2006

VARJÃO

ONDE MORA DIVA DE SOUSA



1988

Vizinha do Lago Norte, na subida do morro, a ex-invasão já foi derrubada e reconstruída

Tem baiana na várzea

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

Logo na entrada da pista principal do Varjão, fica o quiosque de dona Diva de Sousa, 58 anos. O ponto é estratégico tanto para ela quanto para os outros moradores da cidade. Por R\$ 4, quem passa por ali come uma pratada de arroz, feijão, macarrão, carne cozida e salada. Também ganha um sorriso de Dona Diva e, se esticar a conversa, perigo receber alguns conselhos. Baiana de Campo Alegre do Luve, Dona Diva é uma das pessoas mais queridas do Varjão. Em parte, pelo bom humor que tem. Em parte, porque vive neste pedaço do DF há bons 32 anos.

Quando chegou, lá pela metade dos anos 70, o Varjão não era nem Varjão. "Aqui só tinha minha família e mais umas outras cinco", conta. Nesta época, ela, o marido e os filhos moravam em casa improvisada com parede de madeirite, debaixo de teto de lona, à beira do Córrego do Varjão. Não tinham energia elétrica, nem água encanada. "Gastei um tanto de vela para criar meus meninos", diz,

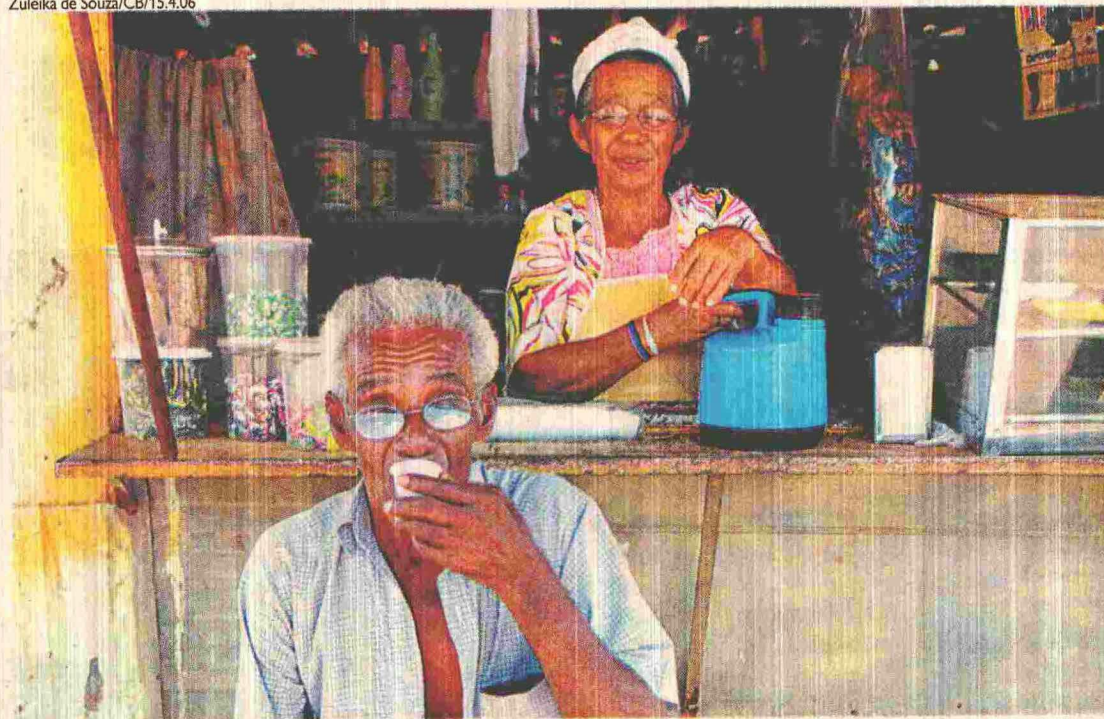
Dona Diva trouxe um pouco da Bahia para o cerrado. Ela vive em Brasília há 32 anos e é muito querida por todos. Quem visita o seu quiosque desfruta o prazer de uma comida caseira de sustança por um preço camarada. E, além disso, estica a conversa e ouve bons conselhos

orgulhosa dos nove filhos e 12 netos.

Como boa parte das pessoas que já morou em área invadida, Dona Diva passou pela tragédia de ver a própria casa ser derrubada pelos fiscais do SIVSOLO. Da primeira vez, mudou-se do Córrego para uma área conhecida como Boca do Sapo. Em 1992 começaram a regularizar o Varjão, e, para a surpresa dela, não ficou com o terreno onde já vivia. "Mudei de novo. O pior é que eu gostava tanto da minha casinha".

De cada 10 pessoas que moram no Varjão, sete trabalham no Lago Norte: as mulheres como empregadas domésticas, os homens como jardineiros ou piscineiros. Na verdade, o Varjão só existe pela persistência dessa gente – na maioria, nordestinos como Dona Diva, que arranhou ser-

Zuleika de Souza/CB/15.4.06



viço na casa do vizinho rico e decidiu improvisar a vida no cerrado próximo.

Dona Diva lembra bem da primeira vez que saiu à caça de emprego no bairro das mansões. "Meu marido estava desembestado com um monte de mulher, já não botava dinheiro em casa. Olhei para as casas do Lago Norte e pensei: Brasília não é lugar onde se passa fome". Esta impressão, ela mantém até hoje. "Eu morava em roça, lá eu plantava, mas não dava nada. Aqui, o trabalho da gente vinga".

As vendas no quiosque de Dona Diva rendem

em média R\$ 300 mensais. Ela conhece tanto os clientes/vizinhos que nem se preocupa em anotar quando um deles lhe pede fiado. "Fica tudo registrado na mente", diz. Com este dinheiro, ela paga água, luz, IPTU e mantém a casa localizada na Quadra 9, conjunto B. Parte dos netos, mora na mesma casa dela. Dona Diva teme pelo futuro deles, acha que o Varjão de hoje está bem mais perigoso do que aquele da época do cerrado. "Minha filha, nem gosta que esses meninos saiam. Ela tem medo das más companhias", conta.